

O POETA E A SUA DIMENSÃO ESPIRITUAL*

Ir. Elvo Clemente

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Poeta é aquele ser humano frágil como os outros humanos, que descobre essa nesga de beleza: é aquele que escuta esse acento formoso depositado no mais íntimo dos seres por seu divino autor, aquele que o recria por sua mente e sabe subir por ele pela intuição e sem esforço até à formosura divina, que os irradia.

O poeta é o oleiro dos sonhos que vai trabalhando o barro da palavra humana, com a mente mergulhada no infinito e com os pés fincados na terra.

O poeta é o mediano entre o céu e a terra. Leva para o alto os gemidos, os suspiros, os ecos das alegrias dos humanos e, de lá, volta com um punhado de versos que servirão para alimentar os seus irmãos na dura caminhada do exílio. Como dizia o poeta argentino Leopoldo Marechal em "Descida e Ascensão de Alma pela Beleza": "pela formosura das coisas, a alma sobe até a Fonte original, a Formosura de Deus; e por sua vez a partir desta desce até os fragmentos finitos que a irradiam" (Marechal apud Derisi, p. 136). O poeta, desvendador dos arcanos, chega a penetrar pela intuição na beleza da "forma splendens" (St^o Thomas, *S Theol.*) em sua integridade e harmonia.

Em "Auto Retrato", Jorge de Lima (1958, p. 68), ao falar da "Realidade do Poeta", em entrevista com Arnaldo Jambo, assim se exprimia: "O poeta muito embora tenha os pés fincados na terra, vive num mundo de realidade que podem transcender às realidades do mundo material e objetivo".

Essa busca, das outras realidades, leva o poeta à sua função de mediano, de pessoa imprescindível e necessária na sociedade humana.

* Conferência proferida em Maceté por ocasião do II Simpósio de Literatura Alagoana, em homenagem a Jorge de Lima.

Conforme a afirmação do escritor alemão F. Medicus: "Deus precisa dos profetas para manifestar-se e todos os profetas são necessariamente artistas (poetas) o que um profeta deve exprimir não pode ser dito em prosa" (Medicus apud Hans URS von Balhasar, 1975, p. 33). O artista tem a sua realidade própria, sabe compreendê-la, senti-la e transmiti-la aos seus semelhantes.

Alois Gùgler — teólogo de Luzerna — poeta e admirador de Herder elaborou os elementos básicos de teologia estética. E completou também a teologia de Herder da qual faltava algo que não conseguira aprontar por causa de uma certa incredulidade. Ele coloca, de modo simples, o trabalho do poeta com estas palavras: "A estrutura de fundo da obra é simples: a revelação do Deus na Criação é natural em seu resultado, sobrenatural e maravilhosa na sua profundidade sacra, em que Deus se torna presente e se manifesta a todos os seres, o mundo aparece como obra de arte fascinante e entusiasta de Deus. Todos os povos testemunham, por meio de sua arte, algo desta experiência original" (ibidem, p. 81).

Outro filósofo e literato de verdadeira importância no romantismo alemão é Karl Philipp Moritz, também continuador, na esteira de Herder, que se detém sobre o elemento básico da obra de arte: a imitação. Todorov em *Théories du symbole* (1979 p. 185-7) assim se expressa sobre o assunto: "A opinião comum quer que Moritz seja apenas reflexo, um porta-voz de Goethe, que isso é falso, eu só quero uma prova: o *Ensaio de Moritz* que já contém todas essas idéias importantes data de 1785, um ano antes, pois, do encontro com Goethe, em Roma".

A imitação nas artes encontra-se na atividade do criador: não é a obra que copia a natureza mas o artista, ele o faz produzindo obras. "O artista nato", escreve Moritz, não se contenta de observar a natureza, deve imitá-la, tomá-la por modelo e formar (dar formas) e criar como ela. O principal tratado de estética de Moritz se intitula, significativamente, *Sobre a imitação formadora do belo* (1788). Mimesis: sim, com a condição de compreendê-la no sentido *poiesis* (p. 185).

Nesta linha de pensamento reincide Herder quando diz: "O artista tornou-se um Deus criador (formador) de sua obra" (p. 185).

Há duas idéias importantes no estudo de Todorov a respeito de Moritz: 1º) O conceito de belo — e tudo aquilo que nos dá prazer sem propriamente ser útil (certa gratuidade é o que chamamos de belo (p. 187); 2º) princípio: de *totalidade* é

outro elemento importante da estética de Moritz. Totalidade da criação divina, totalidade da criação do mundo, totalidade da obra, de sua contemplação resulta o Belo.

O inglês Shaftesbury, contemporâneo de Moritz, havia lembrado a imagem de Prometeu, apropriada neste contexto. Moritz participa desta mesma tradição quando escreve na *Doutrina dos deuses*: "Prometeu criou o homem à imagem dos deuses, de sorte que é o único animal a elevar o olhar para o céu" (ibidem, p. 185-6).

Mathias Joseph Scheeben, filósofo e teólogo alemão do séc. XIX, faz uma ligação estreita entre a atuação do criador e da criatura no campo da graça. No livro *Glórias da graça divina* mostra o valor da Teologia como aurora da luz da visão beatífica, a que Deus convida a ser humano. A Sagrada Escritura que nos mostra através dum véu todo esse mundo sobrenatural é uma obra de arte objetivamente colocada sob os olhares do homem, uma pintura e um drama da sabedoria divina. Uma exegese teológica autêntica, inspirada pelo Espírito Santo, e que tem presente a totalidade da Escritura, conduz, pois, exegeticamente mais longe que uma pura consideração filológica, ainda que no mesmo tempo é preciso evitar de trocar a poesia do Espírito Santo com a poesia humana e de transformar, portanto, em puras funções as realidades contidas no sentido literal. Para aquele que olha o mundo na fé, este é finalmente, como global expressão duma idéia divina... duma idéia artística... imitação do ideal que é Deus mesmo e portanto na totalidade como nos detalhes, uma reprodução da beleza e da glória de Deus. O fascínio do mistério é tal que se deve preencher com um êxtase inefável e devemos olhar, admirar a criatura transfigurada pela graça, sobretudo Cristo e Maria. É preciso começar pelo vértice para ver, pois, a beleza divina penetrar e elevar pouco a pouco todas as profundezas (Scheeben, apud Hans URS von Balhasar, 1975, p. 93).

A imagem mitológica de Prometeu, os textos estudados da Teologia cristã tudo leva à contemplação do Criador Supremo, Deus, e à contemplação do criador menor que se assemelha a Deus, o poeta, o artista. Por vezes o artista imita tanto o Criador que se considera e é considerado um deus ou semi-deus. O artista busca a sua palavra na essência do Verbo, que por um ato de amor eterno humanizou-se, veio revestir-se de nossa carne, veio identificar-se com a nossa pobre e ingrata palavra humana. A verdadeira poesia se eleva acima do pobre barro humano para abeberar-se na essência da poiesis que é Deus, sem o que não passa de misero balbucio.

Exemplo estranho é o de Mallarmé que ao compreender que seu canto se dilui, desarticulado da divina Fonte à qual não soube alcançar: desde aquele instante opta pelo silêncio diante duma poesia impossível para ele (Octavio Derisi, 1978, p. 136).

O místico está na senda do poeta, vai além em sua contemplação, em seus anseios de amor. Por isso todo o místico é eminentemente poeta e inversamente, na expressão lapidar de H. Bremond, todo o poeta é um místico truncado: ou como diz maravilhosamente L. Marechal: "Só no ato da contemplação se assemelhariam o místico e o poeta...". Mas o místico e o poeta se distanciam entre si, não porque tomem rumos diversos, mas porque enquanto ascende o místico a novos graus de contemplação, o poeta se detém, fica imóvel, fechada a estrada, truncado o vôo... Deixamos um e outro postos entre duas noites: a que embaixo negreja sobre um mundo que não sabe dizer o que buscam, e a de cima que não quer ainda prometer-lhes o amanhecer. Mas o místico sobe e é tamanha a excelência de seu vôo que o de cima se lhe vai clareando à medida que o de baixo se obscurece. Enquanto o poeta acorrentado entre duas noites retorna com vezes de baixo, sonda mil vezes de cima, numa alternância de obscuridades e iluminações, num terrível desassossego, numa ânsia de evasão que o fará múltiplas tentativas heróicas e os intomos fracassos (Marechal, apud Derisi, 1978, p. 137).

A palavra criadora brota do espírito, transforma as coisas materiais, algumas vezes para fazê-las úteis, e outras para fazê-las belas ou ambas de vez. Esta palavra que acrescenta a utilidade e a beleza dos seres humanos constitui a técnica e a arte. Com elas o homem torna mais fácil e mais agradável sua vida sobre a terra.

O Verbo de Deus não se contentou em pronunciar sua palavra necessária nas essências e sua Palavra livre e amorosa nas existências dos entes do mundo e do homem e a palavra de-veladora e transformadora própria do espírito humano, quis Ela, a Palavra ou Verbo pessoal de Deus, dar-se aos homens na Encarnação, num homem que é Cristo, para oferecer-lhes sua Verdade e sua Vida. "E o verbo se fez Carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). "Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1,12).

O Verbo de Deus, feito homem no seio de Maria, transformou o mundo e a vida dos homens, e mudou o rumo da história. A Boa Nova iluminou os homens, lhes ensinou o caminho que conduz ao Pai e à sua Casa, e os transformou em filhos

de Deus e irmãos seus na plenitude da vida de Deus em seu corpo vivo que é a Igreja. O Verbo divino vive em sua igreja com a Luz de sua Verdade e a força de sua Vida.

O poeta é o renovador do mundo e das coisas pelo verbo e pela intensidade do seu mundo interior mais perto o mais longe do foco irradiador de Força e Beleza, Jesus Cristo. E o poeta Jorge de Lima, em sua dimensão espiritual, chega à palavra criadora.

Entretanto, primeiramente, apresentaremos o que outros poetas disseram dele, nesta particularidade, e depois o que ele diz e o que seus versos dizem.

Murilo Mendes — em **Obra completa de Jorge de Lima**, 1958, V.I. —* que privou como poucos da amizade e intimidade do poeta assim se refere no poema "A Jorge de Lima":

Inventor de novo corte e ritmo,
sopras o poema de mil braços
fundas a realidade.
Fundas a energia.
Com a palavra gustativa.
A carga espiritual
e o signo plástico
nomeias todo ente,

(O.e., p. 55)

Aparece evidente a missão espiritual de Jorge de Lima, "a carga espiritual/ e o signo plástico/nomeias todo ente". Força da palavra, força do espiritual.

No término do poema volta a insistir no espiritual e divino: "cantando clarificas/ a substância de argila e estilhaços divinos que mal somos".

Está clara a referência a Prometeu, o inventor do fogo e o modelador da argila que somos... O poeta, demiurgo-deus, deus mesmo.

No "Recitativo Próximo a um Poeta Morto", Cecilia Meireles explica:

Que é o Poeta
senão o burlador das fronteiras da vida
o constante fugitivo das dimensões do mundo,
o prodigioso funâmbulo, a lançar em cascatas
o prodigioso funâmbulo, lançar em cascatas e labaredas?

(O.e., p. 67)

* Com referência à poesia de e sobre Jorge de Lima, retirada de "Obra completa de Jorge de Lima (1958, V.I.) será ao longo do trabalho referenciada como O.e. e a seguir o número da página.

Os conceitos do poeta aparecem fortes e marcantes pelas imagens de quem escamoteia as fronteiras da vida e do tempo e do espaço. O poeta está no tempo, mas vive na e pela eternidade.

Continua o poema definidor:

Sem ser Deus, nem profeta, nem sábio,
mas tudo isso, imperfeitamente e amargamente
porque é apenas um Poeta.
Tudo são claro para ele, nos reinos do impossível
e fora dele, só obstáculos. (O.e., p. 58)

A mundivalência do Poeta, sua pequenez e sua grandeza. O impossível não o atrapalha, não o limita; o cotidiano e programático o amarra e o acorrenta.

A contradição acompanha a trajetória do Poeta.

Faz um poeta morto,
E ficam todos convidados.
Por que, afinal, em sala obscuro espectador
Um Poeta é, na verdade, o amável ou odioso demiurgo.
(O.e., p. 60)

Demiurgo, criação e destruição, vida e morte, verdade e mentira tudo se encontra num Poeta.

Tasso da Silveira, em sua "Canção para Jorge de Lima", coloca todo o acento cristão de Fé e da Esperança e a posse da beatitude infável.

Nesta hora o que mais me comove é saber que
venceste a total tristeza,
de que arrancaste, como de rochas de Herob,
tanta poesia.
Agora aprendeste de maneira definitiva que
a vida é a grande graça,
porque é marcha indescantada para Deus.
Agora aprendeste o que é ter sido criado à imagem
e semelhança do Criador.
e o sentido formal de tua sede de beleza
e a tua vontade de ser bom. (O.e., p. 61-2)

É a exaltação do poeta e do amigo que fez da poesia e da palavra o veículo de levar os outros para Deus por meio do Verbo, o Cristo.

Após estes três depoimentos de poetas vamos aos depoimentos em entrevistas pelo próprio Jorge de Lima, que tinha consciência e luz plena e clara sobre a sua dimensão espiritual. Em "Auto-retrato, intelectual" foram destacados alguns

tópicos mais condizentes com o tema sobre "O poeta e a sua dimensão espiritual": "A vida, para mim, vale pela sua solidariedade com a minha arte. Um poema é um acontecimento maior que nos seus versos, realmente existem, como qualquer indivíduo do mundo animado". (O.e., p. 64).

O artista está consciente sobre sua missão e sobre o seu compromisso com a sua arte. Sabe também que o poeta nunca será bem aceito por seus contemporâneos, ele pertence ao grupo de homens incontentáveis: "O poeta é da tempera dos que não se satisfazem unicamente com pão e sabe que a humanidade sempre se rirá dele, sempre zombará de suas palavras, de suas profecias, de seus protestos, de sua incapacidade de adaptação ao comum" (O.e., p. 66).

O poeta cansou-se dos poemas com mensagens do dia-a-dia: dos poemas adaptados a circunstâncias reclama o universal: "Tenho fome do eterno, do essencial, do universal. Vi poemas meus se popularizarem: E hoje eles já não me satisfazem mais. Tenho verdadeiramente fome do universal" (O.e., p. 66).

Diante de "A poesia em Cristo", o poeta culmina com a sua posição: "Passei a inclinar-me não mais pelo gênero de poemas que fazia, mas por outro, de fundo místico. E como não tinha compromissos de escola, senti-me inteiramente à vontade para empreender a desejada renovação, já havendo compreendido que o plano mais elevado para isso seria uma poesia que se restaurasse em Cristo, que é a mais alta Poesia, mais alta verdade, o nosso destino mesmo, e tivesse, não uma tradição regional ou nacional, mas sim a mais humana e universal das tradições, que é bíblica." (O.e., p. 74). "Estava traçado o programa poético de Jorge de Lima. A partir de Tempo e eternidade outra não será a caminhada do Poeta, até o descanso definitivo na glória do Pai.

A poesia é a força de aproximação das pessoas pelo divino, assim se expressa o poeta: "A poesia aproxima constantemente os povos; separados pelas guerras, pela política, pelos regimes, pelo ódios..." (O.e., p. 97).

A poesia será o meio de mover a "revolução cristã" quase apocalíptica que atravessa os séculos na integração de tudo em Cristo: "Sim creio numa única, imensa geral e verdadeira revolução, que é a Revolução de Cristo, que apenas começa e em que as outras revoluções sociais sejam elas quais forem, francesa ou russa serão unicamente minutos dentro dessa e-

terna revolução que só terminará no dia do Juízo Universal" (O.c., p. 96).

O "Diário" é outro manancial em que o Poeta conserva como num esconjuro os tesouros imensos de sua Espiritualidade.

Tudo está centrado no Cristo, a espiritualidade é vida de união com a fonte de Vida, o Cristo.

"Meu Cristo, meu Deus, eu vos amo, eu vos adoro porque sois a novidade; e meu espírito insaciável de rejuvenescimento só em vós encontra a fonte de ressurreição. Bendito sejas por toda a eternidade. Vós que sois Deus e seu Filho, e sois jovem perpetuamente, sois a suprema beleza inesgotável à contemplação imortal" (O.c., p. 160).

Cristo, fonte de rejuvenescimento e de vida e o Poeta é a voz de Cristo para o mundo de hoje e de outros tempos; "Criastes-me, Senhor, para eu legar o sentido da **imortalidade** ao mundo através do mistério de encarnação e da redenção; e diante dos sofistas e dos negadores e dos déspotas ser a **vossa palavra verdadeira**, a força de vossa Igreja e vossa arma que sem a agressão dos poderosos vença a maldade e a sagacidade de inferno" (O.c., p. 160). Está clara a vocação para essa espiritualidade mais ampla e imensa função de profeta e de poeta. A função de profética se encontra em outro trecho quando escreve: "Eu vos peço, Senhor: Sabedoria... e o dom da palavra justa e bela para Vossa Glória" (O.c., p. 160).

O poeta vive no tempo para a eternidade; daí a oração súplice e vibrante: "O Deus, meu Senhor Criador, enchei o nosso tempo que Vós nos destes e que tanto amamos para que a paz da imortalidade seja nossa por todos os séculos dos séculos" (O.c., p. 161).

O poeta está consciente da sua missão de levar a palavra carregada de eternidade e de espiritualidade aos outros, aos carentes, aos sofredores e necessitados: "Senhor, a minha pequenez hoje vos pede pelos que no Purgatório não se podem socorrer a si mesmos; pelos que, dentro daquele silêncio doloroso, mas de adoração a Vós, precisam da minha palavra, a Vossos Pés, por eles" (Ibidem).

A sua espiritualidade sobrevale à poesia e à arte, pois mais vale a caridade, a exemplo de São Paulo: "Senhor, pedi-vos dons de repouso e de penetrar a beleza do tempo e da arte, mas Vos pedi sabedoria para que nada possa distrair-me da caridade que Vos devo e ao meu próximo acima de tudo, amém" (O.c., p. 161-2).

Ei-lo agora, prostrado na extrema humildade reconhecendo-se pequeno e fraco, pecador e decaído: não é o Santo, o homem da graça, o poeta, o místico, mas a criatura decaída diante de Vossa presença...

"Cegai-me, Senhor, para que essa possa contemplar o mistério que sois Vós, Senhor..." (O.c., p. 162). O paradoxo desse texto é fulgurante e nos motiva para a cegueira a tudo o que é mundo para que julga a luz do Espírito para contemplar, na Fé, Deus face a face.

E o "Diário" continua por algumas páginas sempre no mesmo hino de exaltação ao Senhor, sempre preocupado com a sabedoria e com o bem aos outros.

No dia 16 de outubro de 1953 foi a última página, minúscula, do "Diário", recomendações para o tratamento dos originais. Sempre, até os últimos momentos, a sua preocupação com a sua arte, a poesia e com o Senhor Jesus.

Pretende-se, a seguir, repassar dois livros de poemas em que aparecem os traços profundos da dimensão espiritual do poeta por ele mesmo: **Tempo e eternidade** e **Túnica inconsútil**. A dificuldade maior que se apresenta nesta análise é a seleção dos textos para documentar as afirmações, pois são tantos e tão significativos e carregados de espiritualidade.

Tristão de Athayde em "Nota preliminar" assim saúda o novo livro de poemas escrito a quatro mãos: Jorge de Lima e Murilo Mendes:

"Por muitos anos pedi aos modernos não fecharem os olhos ao sobrenatural, lado direito do tecido da vida de que somos apenas o avesso. Ei-lo aqui, o sobrenatural. Não foram esses os primeiros, certamente, que o trouxeram às nossas letras modernas. Nestes, porém, nesta prosa sua em torno do Cristo e nestes poemas católicos, em torno do seu Corpo Místico, vemos a reação mais recente e mais impressionante contra os abusos que de novo se iam espalhando em nossas letras, de um naturalismo literário anacrônico ou impregnado de partia pris política. Nestas páginas, nada disto."

"Esses dramas e esses poemas são um alimento forte, árido mesmo e seco, que provavelmente não satisfará a todos os paladares" (O.c., p. 378-9).

O crítico entusiasma-se com a leitura e fala: "A beleza catedrática de alguns desses poemas e a força impressionante de certos diálogos desses dramas mostram, bem ao vivo, como

não há mais alta inspiração para a arte do que o verdadeiro cristianismo católico" (O.c., p. 379).

O livro abre com "Distribuição da Poesia" em que se destacam os seguintes versos:

Mel silvestre tirei das plantas,
Sai tirei das águas, luz tirei do céu,
Escuta, meus irmãos: poesia tirei de todo
para oferecer ao Senhor. (O.c., p. 381)

E o poema continua carregado de espiritualidade culminando na parte final na força anafórica dos versos:

Mel silvestre tirei das plantas,
Sai tirei das águas, luz tirei do céu,
Só tenho poesia para vos dar,
Abancai-vos, meus irmãos. (O.c., p. 382)

A exaltação poética emparelha com o volume de espiritualidade em direção a Deus e ao próximo. "A mão enorme" é o poema que traduz de maneira plástica a presença de Deus, figurada na "mão".

Acima da nau
A mão enorme
sangrando está.
A nau lá vai,
O mar transborda,
as terras comem,
com estrelas,
A nau lá vai,
Acima dela
a mão eterna
lá está. (O.c., p. 386)

Continua na mesma imagem de mão e de vôo. Sob o título "Pelo Vôo de Deus/quero me gular" vai colocando o cadenciar dos versos que são hino de amor.

Ando naufragado,
ando sem destino,
quero tua Mão
para me salvar. (O.c., p. 386-7)

Em "O poeta perdido na tempestade" traça todo o roteiro da residência à espiritualidade, a graças, até a entrega total a Deus, Pai de bondade infinita. Eis apenas uma amostra do poema:

A tempestade, Senhor! A tempestade
com a vossa força arrebatava o mundo,
Eu era pequenino ante a violência,

ante o choque brutal da vossa ira,
Eu não podia me ajoelhar, Senhor,
eu só podia cair e eu caí.

Eu queria encontrar os meus sentidos,
eu queria encontrar-me e não podia,
Eu não podia me ajoelhar, Senhor,
Eu só podia cair.
Vós não deixastes. (O.c., p. 390)

Há todo um estudo de psicologia da criatura que luta para a entrega de amor ao Criador. Tudo é descrito, tudo é percebido pelo poeta que finalmente reconhece a eterna Beleza, a resposta que o coração procura "perdido na tempestade" (O.c., p. 389-90).

"O que não mudou" fala da transitoriedade das coisas e do tempo: "tout passe, tout lasse, tout casse" agora em outra dimensão de Fé:

As sombras se despenharam
pesadas cor de carvão,
A geografia mudou,
As estrelas morreram,
O velho tempo secou,
Na glória eterna caminha
Aquele que não mudou. (O.c., p. 390)

Em "Lutamos muito", Jorge de Lima recapitula uma página da Bíblia, da história de Jacó, da luta com Deus ou Anjo do Senhor. É a história de cada ser humano a caminho de sua espiritualidade, de seu amplexo amoroso no Pai.

Eu sofri muito. Furei as mãos,
Ceguei. Morri. Tu me salvaste.
Eu sou teu filho e não sabia,
Lutamos muito: eu te feri.
Perdos, Pai, pensa! meus olhos:
eu era cego e não sabia. (O.c., p. 311)

Encontra-se em "Aceito as grandes palavras" toda uma ascese para a contemplação, para a espiritualidade, para a plenitude da alma em Deus. Perpassam nos versos as mais variadas e humildes situações, desde a abertura total ao divino até à resignação, à humildade e à confiança plena e total na divindade concreta: Jesus Cristo. "Aceito as grandes palavras" é um poema repleto de amor e de humanidade:

Aceito as grandes palavras efêmeras
e o caminho que Deus põe diante de mim.
Aceito o sangue derramado se é necessário
para levantar o pobre.

(Minha meditação que queima, Senhor!
 Mas me deixei falar para me desafogar.)
 Aceito a oração para mim e para distribuí-la como pão.
 (Minha meditação me queima, daí-me água
 para me desesdentar.)
 Aceito a não importância da vida,
 (Senhor, pegai minha mão para não me matar.)
 Aceito os dias com seus cinemas, seus bodes,
 seus filhas, suas praças de banho, sua atualidade.
 Mas deixai-me ver o meio deusa zombação
 o que está acima do tempo, o que é imutável.
 Senhor, estou cansado, quero descansar.
 (O.e., p. 391-2)

Outro poema encantador em tom de prece assim conclui
 "Poeta, Poeta, não podes".

Abreandar os tufões dos espaços,
 acabar com os tiranos do mundo.
 Poeta, podes fazer:
 Extinguir a palavra de Deus,
 afastar a Verdade da Terra.
 Poeta não podes fazer. (O.e., p. 393)

Há um poema bíblico com evocações dos profetas e dos
 patriarcas do Antigo Testamento para ao final assistir ao triunfo
 do Homem Público, o Cristo, o MESSIAS.

Os ídolos se afogando

.....
 Não vemos ídolos
 porque os ídolos se afogaram
 nos rios rancos da planície.
 O Homem Público vai ao albergue de Esmé
 vai às bodas de Caná,
 conspira nos lagos com os trabalhadores;
 O Homem Público faz a revolução sem ólio.
 (O.e., p. 397)

Em "Quero ser ensinado por Deus" o poeta deseja arden-
 temente ser ensinado pelo Mestre dos mestres — Deus — e ao
 mesmo tempo mostra a fragilidade das coisas terrestres e das
 grandezas humanas:

.....
 Quero ser ensinado por Deus,
 Os apolos terrestres são frágeis.
 As montanhas são fracas demais.
 Dai-me a vossa Mão para sair do vácuo.
 Deus me degole do mundo. (O.e., p. 398)

Em "A divisão de Cristo" Jorge de Lima conclui de maneira
 maravilhosa e inesperada quase espetacular:

Não dividamos o mundo
 Dividamos Cristo:
 "todos ressuscitarão iguais" (O.e., p. 398)

Lição profunda ressuma do último verso, Cristo repartido
 entre os poemas faz com que todos os homens se irmanem e
 vivem na paz e na fraternidade.

Um poema de contrastes e de profundo espírito cristão
 "Sou para me salvar sobre as tábuas da lei" mostra a fraqueza
 e a força do homem: a vileza da traição e o encanto do amor:
 a força de Deus e a debilidade humana, chela de traição e de-
 sânimo. Vejam-se os três últimos versos bem significativos:

Sou para me enlamear no mundo e para me lavar na luz
 Sou para afundar nos pecados mortais.
 E para me salvar sobre as tábuas da Lei.
 (O.e., p. 400)

O livro vai desenovelando os poemas quais fios de Ariadne
 no labirinto da existência humana. Vem uma série de textos com
 reflexos nítidos do Cântico dos Cânticos: onde a Amada tem um
 lugar privilegiado na estrutura poética e na exaltação amoroso.
 Eis alguns tópicos que parecem mais significativos de "A dis-
 tância da Bem-amada":

Do princípio do mundo venha a Bem-Amada.
 Venha úmida do primeiro dia, venha.
 Venha de vontade de Deus, a Bem-Amada,
 Venha do primeiro sono a Bem-Amada, venha.
 (O.e., p. 405-406)

Em "Convite de Salomão" continua a mensagem da Bem-
 Amada.

.....
 O' perfetíssima entre as mulheres, a
 tua perfeição não passa
 Nós não sabemos onde é a morada do
 tempo e o inverno não existe
 nessa manhã imensa.
 Essa manhã não conhece a morte,
 amada minha, e os pássaros vão subindo
 para o sol, para alargar a claridade.
 Amada minha, querida minha, só tu és grande
 ante a grandeza de Deus.
 (O.e., p. 407)

A vibração e o espetáculo da Amada remetem ao triunfo
 do Cristo no poema:

"Uma coisa vos digo", que assim conclui:

Uma coisa tenho falado e sei que é Verdade:
Cristo caminha por cima do mar,
Cristo nasceu no primeiro dia,
Cristo nasceu para reinar,
Treme todo o universo à sua Presença.
(O.e., p. 409-10)

O livro "Os Vãos eram fora do tempo" conclui num recitativo brilhante e cheio de Fé, de Esperança e de Caridade.

Todo o momento do Poema leva para fora da materialidade, num resumo sucinto da história da Queda e da Redenção.

1º As músicas que a Graça do Senhor faz são Poesia.
2º Vi dos centauros caírem caecos,
Saírem aaaa.

13º Das asas saírem vãos.
Os vãos eram fora do mundo. (O.e., p. 413-4)

"A Túnica inconsútil" outro livro de total mensagem espiritual, dedicada a Murilo Mendes, teve a sua publicação em 1938. O livro mereceu o prefácio de Mário de Andrade, que em sua parte final diz:

"Mas, sobretudo, o que se torna a poesia de Jorge de Lima resistente nos perigos que a cercam é justamente a qualidade lírica de sua imaginação. Esta será por certo a grande lição da obra de Jorge de Lima dentro de nossa poesia contemporânea. Dominado por uma prudência visivelmente exercitada na observação e no raciocínio, o poeta possui uma bússola fecunda e perfurada que não lhe permite mais errar. E então dá largas à criação, despreocupado com quaisquer disciplinas intercorrentes" (O.e., p. 420-21)

A abertura do livro apresenta "Poema do Cristão", do qual transcreve-se os versos que parecem ser os mais significativos para o espiritual:

Porque o sangue de Cristo
Jorrou sobre os meus olhos,
a minha visão é universal
e tem dimensões que ninguém sabe.
(O.e., p. 425)

A universalidade do cristão e a sua catolicidade tem sua fonte e sua razão de ser em Cristo. Cristo é o Amor sem fronteiras.

A parte final do poema apresenta versos carregados de contradições, a beleza do mundo surge de mistério da Ressurreição de Cristo.

O polimorfismo é impressionante, o malabarismo é chocante, por vezes delirante, sempre cristão.

"E tendo a luz eterna nos olhos sou o maior mágico:
ressuscitado na boca dos tigres, sou palhaço alfo e peixe,
cordeiro, comedor de gafanhotos, sou ridículo, sou tentado
e perdoado, sou derrubado no chão e glorificado, tenho mantos
de púrpura e de estameñas, sou barbaresco como Cristo-
tovo, e sapientíssimo como Santo Tomás. E sou louco, in-
teltramente louco, para sempre, para todos os séculos, louco
de Deus, amém!
E sendo a loucura de Deus, sou a razão das
coisas, a ordem e medida;
sou a balança, a oração, a obediência
sou o arrependimento, sou a humildade;
sou autor da paixão e morte de Jesus;
sou a culpa de tudo,
Nada sou

(O.e., p. 426-8)

Em "O manto do poeta" volta uma paráfrase da página bíblica, da investidura do profeta. Eis os versos iniciais: "E o manto do poeta lhe foi dado frente a frente e investido pelas próprias mãos do Senhor" (O.e., p. 428)

"A Túnica inconsútil" é o grande poema que justifica o nome de "túnica inconsútil" túnica sem costura, inteira em seu passo, em seu todo. Resolve a vida de Cristo, a vida da humanidade através da história do povo de Deus, do novo povo de Deus a cristandade, a Igreja... até o fim do mundo, até o juízo universal. Eis quando soam "As trombetas":

Ouço a haque dos Anjos precipitados
cavando vales na terra.
.....
Ouço as trombetas finais reunindo
os meus membros esfacelados na morte.
Serel leve.
Serels leve, — corpos ensangüentados que subireis do Vale
ao Clamour majestoso das trombetas finais
(O.e., p. 433)

Revolve-se nos primórdios da existência humana e relembra e pecado original, buscando-lhe as profundezas:

O' País primitivos que das profundezas do pecado
me transmitistes o vosso sangue revoltado
que corre nas minhas vísceras,
que corrompe as minhas mãos,
que cega os meus olhos e o meu entendimento...
(O.e., p. 438)

É o homem em sua queda, o homem vivendo do fruto do bem e do mal na luta de cada dia sobre a face da terra a caminho da Pátria e da Paz no seio do Pai.

E na invocação ao "Espírito Paráclito" sente-se o sopro novo da nova humanidade do poeta que quer se embalar do Espírito:

Espírito Paráclito, tu que és o único pássaro que
desce sobre mim na minha noite unctosa,
fura os meus olhos para que eu veja mais,
para que eu penetre a unidade que tu és,
a liberdade que tu és,
a multiplicidade que tu és,
para eu subir de minha pequenez e me abater em ti
(O.c., p. 462-3)

O Espírito Paráclito derrama o seus dons e em especial a "Sabedoria" e o poeta sintetiza toda a experiência espiritual num só verso sublime e maravilhosos:

"Dá-me sabedoria para que a poesia tenha a Tua marca Senhor!" (O.c., p. 470).

Ouve-se neste verso o eco da oração de Salomão ao Deus de Israel no início do seu reinado sobre o povo judeu — É o caminhar da humanidade sempre à procura do reto saber — da Sabedoria.

O último poema-prosa é a "Ode da Comunhão dos Santos", dedicado a Alceu Amoroso Lima. É a celebração da nova humanidade redimida, vivificada em Cristo. Nessa Ode original de sete densas da História, de Poesia e de Fé, o Poeta vai relembrando a História da humanidade e da salvação desde o início. "In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum".

O Evangelho de São João toca os começos de toda a história da Salvação. E vem a história do povo de Deus através de todos os livros e desertos do Gênesis, do Pentateuco, do Êxodo, dos Reis e do Evangelho, das Epístolas, para desembocar solenemente no Apocalipse.

Os dois parágrafos finais por assim dizer resumem a grande Ode:

As profecias eram claras com os olhos
da Trindade Santíssima: o mestre de
Palmos havia permitido que todos os santos
comungassem o seu Evangelho e os tenha
iluminado com a sua revelação.

Todos compreendiam o que era o número sete e todos se prostaram adorando o Pai, o Filho e o Espírito Santo, com seu amor infinito pelas suas três Igrejas incorporadas à sua Essência, à sua Eternidade e à sua Doxa." (O.c., p. 497).

Assim é a poesia de Jorge de Lima em sua dimensão espiritual, e ele, o poeta, busca sua essência na criação divina e no próprio Deus.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. BALTHASAR, Hans Urs von. Glória Uma estética teológica. Milão, Jaca Book, 1975. V.I.
2. DERISI, Octavio. La Palavra Veritas. Porto Alegre, PUCRS (90): 131-41, jun. 1978.
3. LIMA, Jorge de. Obra completa. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1958. V.I.
4. TODOROV, Théories du symbole. Paris, Ed. Seuil, s.d.